

Uma contribuição para a análise das conseqüências da passagem do *ethos* tradicional ao *ethos* tecnológico.

ENRIQUE VIANA ARCE¹

O assunto que iremos discutir é parte de uma pesquisa em andamento, conduzida na condição de professor-pesquisador, que trata da Ética e Responsabilidade Social praticada por um grupo de empresas da cidade de Americana, São Paulo. Esse estudo deverá igualmente verificar grau de entendimento, assimilação e prática desses assuntos pelos alunos do curso de Gestão Empresarial da Fatec dessa mesma cidade, a partir da grade curricular de ensino oferecida pelo curso. O desenvolvimento que em seguida apresentamos corresponde ao momento da construção do objeto da pesquisa, qual seja a Ética, a partir da sua localização original, o *ethos*, e as suas transformações decorrentes do itinerário da razão.

Historicamente a tecnologia contemporânea deriva do desenvolvimento da ciência moderna que, a partir do século XVII, iniciou seu processo de desvendamento do mundo, condição que incluiu o ser humano na sua dimensão física, ou biológica e espiritual. Com a expansão do industrialismo no século XIX, começa uma nova fase na história da humanidade jamais vista anteriormente. A nova cultura industrial que se expandiu da Europa em direção aos Estados Unidos e Japão, praticamente selou a relação entre o crescimento do industrialismo e desenvolvimento da ciência moderna, e é nesse contexto que vai se configurar o aparecimento da tecnologia moderna. Dessa forma, um corpo de conhecimentos é uma tecnologia se, e somente se, for compatível com a ciência e igualmente se submeter ao controle do método científico, assim como utilizar esse método para controlar, transformar ou desenvolver objetos ou processos naturais ou construídos pelo homem, no qual a sua finalidade é segundo LADRIÈRE (1979), a transformação da realidade a partir da inserção de informações nos sistemas naturais ou artificiais, ou ainda no dizer desse autor, “no domínio da tecnologia, trata-se essencialmente de intervir no curso das coisas, seja para impedir certos estados de se reproduzirem, seja, ao contrário, para fazer reaparecerem estados que não apareceriam espontaneamente”, nesse sentido, o problema e a solução da tecnologia como sistema e

¹Fatec – Americana, Doutor em História e Filosofia da Educação (Unicamp).

prática aplicada ao mundo em que ela está inserida, “consiste em obter o efeito desejado com o máximo de eficácia, vale dizer, de tal modo que a chance de obter esse efeito seja maior possível”(1979: 59).

A tecnologia moderna contém, portanto, os efeitos e as conseqüências da evolução da ciência moderna e do industrialismo. Esta condição estruturou uma lógica notadamente desprovida de alteridade e essencialmente vinculada ao terreno da eficácia dos resultados, e é nessa estrutura que tem início os problemas para reflexão, pois nesse esquema a tecnologia ira considerar

“a natureza como matéria-prima, não como um mundo que emerge para fora de si mesmo, uma physis, mas antes, como um estoque de materiais esperando para serem transformados em qualquer coisa que desejarmos. Este é o mundo compreendido mecanisticamente e não teleologicamente. Esta aí para ser controlado, usado sem qualquer propósito interno, nada nos detém em nossa exploração do mundo. Tudo é exposto a uma inteligência analítica que compõe cada coisa em partes inteligíveis” (FEENBERG, 2003:5).

Dessa maneira, a tecnologia como vetor objetivante da ciência, condição necessária para podermos usar a expressão tecnociencia, lança outras questões para reflexão que se somam aquelas acima indicadas; elas são derivadas do novo saber científico que move essa tecnociencia. Na realização desse saber os objetos tornam-se anônimos, impessoais, desantropologizados e desligados “dos enraizamentos concretos e suscetíveis de fornecer ao homem suas bases existenciais e permitir-lhe ligar-se à natureza, ao tempo e a uma comunidade particular (JAPIASSÚ, 2005:208-209).

Antes de prosseguirmos na análise do significado dessa nova realidade regida pelo desenvolvimento da ciência e da indústria, e, portanto, da técnica e da tecnologia, devemos observar o contexto que foi dissolvido por esse novo cenário: estamos nos referindo à passagem do *ethos* tradicional para o *ethos* tecnológico. Faremos esse exercício, pois é nele que transita um dos objetos de nosso estudo, que é a questão da ética organizacional e sua presença nas organizações de Americana e nos componentes curriculares do curso de Gestão Empresarial.

O *ETHOS* TRADICIONAL

Até o surgimento da ciência moderna no século XVII, as sociedades ocidentais viviam sob influência do *ethos* tradicional que foi inicialmente intuído no apogeu da civilização grega entre os séculos IV e V a.C.

O substantivo grego *ethos* significa a realidade histórico-social dos costumes e sua prática nos hábitos. Na sua forma arcaica o vocábulo *ethos* significa a morada, o covil ou a guarida dos animais. A transposição metafórica desse termo

“para o mundo humano é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso modo de agir (práxis), ao qual ficam confinadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo dos seres inteligentes e livres: a morada do ethos, cuja destruição significaria o fim de todo o sentido para a vida propriamente humana” (LIMA VAZ, 1999:13).

Esse espaço que habita na natureza (*physis*), mas se distingue dela pela inteligência e vontade, ou razão e liberdade, é um lugar sempre inacabado, e, por conseguinte, sempre sendo construído, “esse seu essencial inacabamento é signo de uma presença a um tempo próxima e infinitamente distante, e que Platão designou como a presença exigente do Bem, que está além de todo ser (*ousía*) ou para além do que se mostra achado e completo”(LIMA VAZ, 2000:13). O *ethos* era o lugar onde, a partir do costume e do hábito, orientado pela inteligência e vontade e ordenado pelo sentido de perfeição e eternidade da *physis*, era formada a tradição, que para os gregos eram as virtudes morais, que conjuntamente a virtudes intelectuais caracterizavam sua composição como tradição e razão. Será entre esses dois pólos que irá oscilar o destino do *ethos* na história das sociedades ocidentais. É importante observar que a regência da tradição, seguia o modelo dos fenômenos naturais no sentido de continuidade, constância e perfeição, tendo como fatores² as figuras que povoavam o universo simbólico dos antigos. Sendo assim, o *ethos* antigo seguia seu curso estabelecido e garantido pela tradição cultivada no tempo histórico-social dos costumes e manifestado

² “o pressentimento de uma lei natural, participando, pois, da universalidade da *physis* e imanente às motivações mais profundas do agir, e que a tradição celebrava com o nome de lei não-escrita (*agráphos nómos*), é que irá indicar a direção na qual se encaminhará o pensamento clássico nas tentativas de constituição de uma ciência do *ethos*” (LIMA VAZ, 2000:187).

nos indivíduos nas práticas dos hábitos e protegido pelos deuses que haviam organizado a natureza no sentido do Bem, do Belo e do Justo. Dessa maneira

“a própria significação literal do termo ‘tradição’ (parádoxis, traditio), indicando entrega ou transmissão de uma riqueza simbólica que as gerações se passam uma à outra, denota a estrutura histórica do ethos e sua relação original no fluxo do tempo (...) a tradicionalidade ou o poder-ser transmitido é, pois, um constitutivo essencial do ethos (...) a tradição se mostra, assim, ordenadora do tempo segundo um processo de reiteração vivente de norma e valores que constitui a cadência própria do ethos” (LIMA VAZ, 2000:17-18-19).

No *ethos* tradicional a prática, a *práxis* ou o hábito, oriundo dos costumes, era o elemento mais importante como fator de formação (*Bildung*) das virtudes e dos valores, nele a *techné* ocupa um lugar periférico, “sendo apenas imitação imperfeita da *physis* majestosa e eterna” (LIMA VAZ, 2000:194). Nesse cenário prevalece igualmente a contemplação ou *theoria*, dessa maneira,

“o primado da contemplação sobre a atividade baseia-se na convicção de que nenhum trabalho de mãos humanas pode igualar em beleza e verdade o kosmos³ físico, que revolve em torno de si mesmo, em imutável eternidade, sem qualquer interferência ou assistência externa, seja humana ou divina” (ARENDRT, 2009:24).

Como complementação desse período clássico, aqui *mui* sucintamente exposto, devemos citar, ainda que igualmente em linhas gerais, pois é um período muito rico para o pensamento especulativo, a influência da Idade Média, para assim podermos melhor compreender o impacto da ciência moderna sobre o *ethos* tradicional, que chegará até o século XVII como uma articulação do pensamento clássico grego e o pensamento cristão, para daí empreendermos uma análise do *ethos* tecnológico hoje dominante.

Segundo Alfred North WHITEHEAD,

“a Idade Média converteu-se em um longo treinamento do intelecto da Europa Ocidental no que diz respeito ao senso de ordem. Pode ter havido uma deficiência prática. Mas por um momento sequer a idéia deixava de ter

³ Na antiguidade clássica *kosmos* e *physis* podiam ser analogados.

poder. Foi sobretudo um período de pensamento ordenado, inteiramente racionalista” (2006: 26).

Além disso, houve a desdivinização da natureza, feita pela doutrina cristã (LIMA VAZ, 1997; 2000).

Para o pensamento clássico a doutrina cristã, ou filosofia cristã, significou a inserção de uma solução para os principais questionamentos sobre a condição do homem. Essa solução está na Salvação a partir da Revelação. Como salienta Etienne GILSON

“toda filosofia tem seu ponto de partida no homem; apela principalmente ao seu intelecto e trata de noções e problemas puramente naturais (...) A religião cristã parte de Deus e se endereça à indigência espiritual e moral do homem, oprimido e infeliz pela culpa, e, por conseguinte, impossibilitado de encontrar, por si só, o caminho de retorno a Deus” (2007:13).

Nesse sentido, a letargia da última antiguidade (MERQUIOR, 1972), teve um novo alento na idéia de uma *civitas Dei* de Agostinho de Hipona, no século III, que foi concluída sob enfoque distinto como sistema e depois doutrina, no século XIII por Tomás de Aquino. Destarte, a Idade Média, ou o *ethos* cristão, foi fruto da intersecção do pensamento clássico com o pensamento cristão, a partir da poderosa influência agostiniana e tomásica, “obedecendo à inspiração mais profunda do *ethos* neotestamentário” (LIMA VAZ, 1999:240). Foi, pois, apesar de sua penetrante feição intelectualista, o momento em que o amor, segundo o modelo do ágape paulino e na sua mais alta forma de gratuidade, o principal componente de participação intersubjetiva do homem na sociedade a partir do entrelaçamento da razão e liberdade ou conhecimento e vontade (LIMA VAZ, 1999).

Em linhas gerais o fim da Idade Média foi a principal demarcação para o pensamento ocidental, pois, pela última vez o *ethos* clássico e o *ethos* cristão se complementaram no *ethos* tradicional, para enfrentarem o seu final como o oposto do *ethos* moderno, que será dominado até os dias atuais pelo *ethos* tecnológico.

O *ETHOS* TECNOLÓGICO

Antes de entrarmos propriamente na questão do *ethos* tecnológico, vamos retomar algumas considerações relativas ao campo da filosofia da tecnologia. Os

questionamentos sobre a técnica praticamente começam já na primeira metade do século XX, quando fica clara a dinâmica da expansão e a inserção da técnica na prática do homem. Podemos, por conseguinte, afirmar que é desde então que se impõe, como uma necessidade, a reflexão sobre esse fenômeno, isto porque também, ela, doravante, estará intimamente vinculada ao crescimento do industrialismo.

Um dos primeiros textos que servirão como convite à reflexão sobre as implicações do crescimento e inserção da técnica e tecnologia no mundo da vida, e que lançou as bases para uma filosofia da tecnologia, foi o de Ortega y Gasset, *Meditacion sobre La Técnica*, primeiro proferido como conferencia na Universidade Santander, em 1933, e publicado posteriormente em 1939. As percepções de Ortega y Gasset já vaticinavam o sentido de algumas preocupações que essa nova prática, já inserida no homem, iriam causar nas décadas seguintes. Segundo esse autor, os conflitos nascentes causados pela técnica decorriam, paradoxalmente, da superabundância de sua própria eficiência. Para ele, o homem estava começando a viver cada vez mais um cenário de irrealidade, pois cada vez menos conhecia a essência ou os mecanismos das coisas que cada vez mais o cercavam na sua vida cotidiana. Outrossim, a técnica desde sempre foi a produção do supérfluo⁴. Outra observação importante refere-se à vacuidade da técnica. Para Ortega y Gasset, a técnica era uma forma vazia, incapaz de determinar o conteúdo da vida, sendo assim, e, por conseguinte, quanto mais inserida a vida na técnica, mais aquela se tornava vazia. E finalmente, duas observações sintomáticas que constatam que

“es penoso observar a lo largo de la história la incapacidad de las sociedades humanas para reformarse. Triunfa en ellas o la terquedad conservadora o la irresponsabilidad y ligereza revolucionarias. Muy pocas veces se impone el sentido de la reforma a punto, que corrige la tradición sin desarticularla, poniendo al día los instrumentos y las instituciones” E que o homem *“esta hoy, em su fondo, azorado precisamente por la conciencia de su principal ilimitación, y acaso ello contribuye a que no sepa ya quien es – porque al allarse, em principio, capaz de ser todo lo imaginable, ya no sabe qué es lo que efectivamente es.* (ORTEGA y GASSET, 2008:17-83).

⁴ Para Hanna ARENDT, “a história mostra claramente que a moderna tecnologia resultou não da evolução daquelas ferramentas que o homem sempre havia inventado para o duplo fim de atenuar o labor e de erigir o artifício humano, mas exclusivamente da busca de conhecimento inútil, inteiramente, interiramente desprovido senso prático” (2009:302).

Essas observações que, paradoxalmente, ainda possuíam um caráter otimista, pois, em Ortega y Gasset, a técnica representava para o homem um meio de busca da felicidade, a partir do bem-estar que ela podia produzir, foram aprofundadas a um nível essencial, por Martin Heidegger na célebre conferência proferida no início dos anos 50, intitulada “A questão da Técnica”. Nesse texto, sem adentrarmos na complexidade que esse autor sempre nos convida, Heidegger supera a estreiteza até então dominante da dicotomia entre a tecnoclastia, que “preconiza a desativação do mundo técnico e o retorno a alguma forma de relação pré-técnica com a natureza” e a tecnocracia “que espera dos progressos da Técnica a solução dos problemas humanos fundamentais, tanto os de ordem material como os de ordem social, política e mesmo ética” (LIMA VAZ, 2003:27). A conferência inaugura uma discussão essencial, no sentido ontológico, que aprofunda ou radicaliza, o campo de reflexão da nascente filosofia da tecnologia, ao superar aquela dicotomia, apontando para o problema da relação do homem com o Ser.

“Heidegger critica justamente as concepções por ele denominadas ‘instrumentalistas’ e ‘antropologistas’ da Técnica mostrando, de um lado, a novidade qualitativa da Técnica moderna na sua intrínseca conjunção com a Ciência e, de outro, a relação da Técnica com o modo de desvelamento (...) do Ser no qual ele vê o destino ou a história do seu esquecimento provocado pela irrupção dominadora do ‘ente’ no espaço da manifestação da verdade (...)” (LIMA VAZ, 2003:27).

O mérito do texto em discussão reside no esforço de pensar a Técnica não mais como “um instrumento neutro para a satisfação das necessidades, mas como evento fundamental da relação histórica do homem com o Ser ou do desenrolar-se da história do Ser no homem” (LIMA VAZ, 2003: 27). A partir das observações de Martin Heidegger, começa a ficar claro para as reflexões posteriores sobre a técnica, que sua utilização moderna diferia radicalmente daquela praticada pelo homem não moderno, particularmente quanto a relação da técnica com a natureza e homem. Heidegger percebeu que a técnica não era mais um mero fazer produtivo, mas doravante era uma forma de transformar a natureza e o homem em simples recursos controláveis, retirando de ambos as suas essencialidades. Esta nova condição significa o triunfo da técnica ou tecnologia sobre todos os valores. Dessa maneira,

“nós não apenas obedecemos constantemente às ordens dos muitos sistemas técnicos com os quais nos envolvemos, mas também tendemos a ver a nós mesmos cada vez mais como dispositivos regulados pela medicina, psicologia, educação física e outras disciplinas funcionais” (FEENBERG, 2003: 9).

A partir de então as reflexões, como observamos acima, adquiriram uma densidade maior, permitindo dessa maneira a expansão das reflexões da filosofia da tecnologia.

No Brasil⁵, nos primórdios dessa discussão, não foram muitos os autores que se debruçaram sobre esses assuntos, no entanto, para os nossos interesses, podemos destacar dois e suas obras: Milton Vargas, *Para uma filosofia da tecnologia* e Álvaro Viera Pinto, *O conceito de tecnologia*.

Em Milton VARGAS (1994), para que a filosofia da tecnologia possa existir ela necessita possuir: uma metafísica, uma teoria do conhecimento e uma axiologia, ou seja, ela precisa perguntar em que consiste a tecnologia; se ela possui um conteúdo noético e quais são os seus valores. É importante ressaltar que o teor das reflexões propostas por esse autor está dentro de um contexto de discussões de caráter nacionalista e desenvolvimentista, no qual o tema da tecnologia foi inserido a partir dos anos 50 até o início dos anos 90. Para VARGAS (1994) a essência da tecnologia é uma determinada maneira de ver o mundo no sentido de tornar a vida melhor a partir da dominação e manipulação da natureza via aplicação das teorias científicas, permitindo dessa maneira o estabelecimento de uma verdade que por sua vez, possui um caráter sempre paradoxal, pois, apesar da condição de verdade, esta deve se render as possíveis, inevitáveis e necessárias alterações decorrentes das circunstâncias e utilidades em que ela for desenvolvida ou aplicada. Quanto aos valores, ou a axiologia da tecnologia, capítulo que conduz ao seu posicionamento ético, Vargas afirma que “o ‘servir-para’ das tecnologias implicam um certo comportamento humano em relação a elas e portanto uma ética, não tanto por parte dos tecnólogos mas, muito mais dos que a utilizam e decidem sobre a sua utilização”(1994:184).

⁵ Quando da nossa discussão sobre os significados da Tecnologia Social, deveremos expandir a opinião desses autores, a partir da compreensão do termo Tecnologia no complexo cenário brasileiro que envolve políticas governamentais e educação.

Para o segundo autor, Alvaro VIEIRA PINTO (2005), a máquina significa o coroamento da condição humana, promovida pelo desenvolvimento do sistema nervoso, a qual permitiu ao homem uma capacidade sem igual de produção; “a análise filosófica da capacidade humana da criação, na *práxis* em geral e particularmente na *práxis* fabricadora, tem sempre de partir do conceito e do fato do projeto, entendido nos fundamentos biológicos e consecutivamente, no exercício social” (*id.*: 57). Para esse autor a finalidade humana está ligada a um agir técnico de fabricação que tem sua primeira manifestação efetiva na elaboração de ferramentas e posteriormente na construção de máquinas, destacando, assim, a ‘essência’ da realidade humana, que para ele está localizada na capacidade produtiva, por conseguinte, “a técnica ou, em sentido correlato, a tecnologia pertence ao comportamento natural do ser que se humanizou” (2005:64). Sendo assim, “são as técnicas, enquanto ações humanas concretas, que tem valor primordial porque se referem à relação direta de caráter problemático, do homem com o universo” (*id.*: 65). A partir dessas colocações podemos perceber não somente a importância que a tecnologia significa para o desenvolvimento do homem e da sociedade, e igualmente a amplitude da sua inserção no universo da vida; condições que a médio e longo prazo acabaram justificando as preocupações de Heidegger, ampliando os assuntos a serem tratados pela filosofia da tecnologia.

A formação do *ethos* tecnológico teve seu início entre os séculos XVII e XVIII, quando o conhecimento inicia sua transformação em direção a um fazer essencialmente técnico, caracterizado, daquele momento em diante, pelo método, precisão e eficiência, ditados pela ciência moderna: “doravante, não se trata mais de contemplar a verdade, mas de constituí-la pela força da demonstração” (JAPIASSU, 2001: 128). É desse período que surge o pensamento tecnológico, caracterizado por uma visão mecanicista da natureza, ou seja, “a ciência, conjugada com as artes mecânicas, pode agir sobre ela e transformá-la” (*id.*: 170). Do século XVIII em diante este novo modelo de pensamento será inserido no universo industrial que se desenvolve concomitantemente, ao fenômeno científico.

Na tecnologia moderna, ou contemporânea, a verdade está relacionada com a utilidade, é livre de valores, o único valor levado em consideração é o valor econômico. Ela está a serviço de metas. No começo do século XX a crença no desenvolvimento irrefreável do progresso tornar-se-á um mito, que perde fôlego depois das atrocidades sistemáticas e

metódicas cometidas na Primeira e Segunda guerras mundiais. O modo de vida no *ethos* tecnológico

“implica a tendência a reduzir todo e qualquer todo e qualquer problema a uma questão de relação entre meios e fins. Reciprocamente, o mundo dos dispositivos é um mundo de meros meios, sem fins últimos, o que se constitui uma novidade na história humana (...) Os dispositivos carecem de contexto, podendo ser usados para diversos fins e combinados entre si sem muitas restrições (...) Em correspondência com essas propriedades dos dispositivos, a nossa relação para com eles é a de falta de compromisso” (CUPANI, 2004:502)⁶.

O que se depreende da caracterização descrita, é que a universalização dessa condição transformou igualmente o homem em um dispositivo, que obedece e é direcionado às condições que são determinadas para as coisas, fazendo dele um ser exclusivamente funcional, cada vez mais desprovido de conteúdo devido a alienação promovida por um trabalho repetitivo e sistematizado. O empreendimento tecnológico existe para realizar produtos e consumo, dessa maneira se realiza a chamada promessa da tecnologia que é o lançamento de produtos universais, “o sonho de uma vida humana menos penosa e mais rica tem-se transformado numa cultura que visa apenas o lazer derivado do consumir cada vez mais produtos tecnológicos” (CUPANI, 2004:503).

O relato das características do *ethos* tecnológico poderia se estender indefinidamente, dependendo dos autores escolhidos, o que nos levaria a incorrer na visão dicotômica, aqui já comentada, entre aqueles que consideram a tecnologia algo muito ruim e o contrário. Destarte, devemos destacar um assunto que na sua evolução pode nos conduzir a um dos objetos de nosso estudo, qual seja a questão da Ética Filosófica.

Como vimos na parte explicativa da formação do *ethos* tradicional, desde que este foi intuído e realocado para o universo humano, ele significou o ambiente na natureza onde o homem construiu seu lugar para habitar. Formado a partir da sedimentação de costumes, continuados no tempo pela prática dos hábitos e regido por valores, derivados da interpretação da natureza, tida como sinônimo de perfeição e eternidade, e que nos

⁶ O texto de Alberto Cupani, *A tecnologia como problema filosófico: três enfoques*, analisa criticamente o posicionamento de três pensadores Mario Bunge, Albert Borgmann e Andrew Feenberg, os trechos citados derivam das opiniões de Borgmann.

foi dada por astros-deuses, nas culturas antigas, ou Deus no mundo cristão, o participante do *ethos*, o homem, devia, portanto, contemplar a natureza e buscar imitá-la na realização do Bem, Belo e Justo. O *ethos*, por conseguinte, não significava apenas a morada do homem, mas, o lugar da realização da finalidade do homem, sempre regida por valores transcendentais. Nesse sentido é que podemos afirmar que o *ethos* é um analogado de cultura e tradição, e em razão de ser regido por valores, é essencialmente ético (LIMA VAZ, 1999; 2000).

Passado esse momento inaugural, e adentrando no período pós século XVII um assunto que acompanha o desenvolvimento da tecnologia atual, e que tem sua origem nos primórdios da expansão da ciência moderna, particularmente quando do surgimento do Iluminismo, refere-se à questão do futuro como sinônimo de realização do homem. O interesse pelo futuro é uma das principais características da sociedade tecnológica, ele representa um sistema de vida, pois é o critério que rege o seu desenvolvimento (MOLES, 1973). Isto implica dizer que o tempo doravante é algo a ser construído tecnicamente, e essa condição é um dos grandes motivadores para que o indivíduo entre em ação para acompanhar esse futuro, pois

“se a imagem do que o indivíduo que ser for excessivamente diferente do que ele é, levá-lo-á a entrar em ação: o homem moderno – e nisso é que ele é moderno – age também e sobretudo em função de uma imagem, não só do que ele é em relação ao seu ambiente, mas do que será em relação a um ambiente futuro (...) Temos maior domínio sobre determinismos dos fenômenos, sabemos demarcar-lhes as fronteiras. Podemos prever melhor o desenvolvimento de uma serie de fenômenos no porvir” (MOLES, 1973: 226 - 231).

Essa nova percepção e participação no futuro decorre do fato da tecnologia funcionar dentro de um sistema autofinalizado, conduzido por um projeto interno, que se traduz no seu próprio crescimento, por conseguinte, a condição essencial desse projeto interno é a antecipação racional. Dessa maneira o futuro deixou de ser algo no qual não podemos intervir e apenas aguardar a repetição dos diversos fenômenos dentro das suas

regularidades, como era visto nas civilizações pré-tecnológicas ou pré-científicas. Agora ele se traduz como uma antecipação racional programada que instiga o processo contínuo de crescimento conduzido sob responsabilidade da própria tecnologia (LADRIÈRE, 1979). Nesse cenário “o homem não se encontra mais diante de uma realidade que se faz a si mesma (...) está diante de uma realidade inacabada que é chamado a transformar “(*id. ib.*: 111).

Nesse novo cenário o presente estará ligado ao futuro, num sentido de preparação. Com relação ao passado, este “fica muito desvalorizado: só vale como o que foi ultrapassado e como coletânea de experiências, nas quais por vezes é útil inspirar-nos para a formulação das novas tarefas a serem realizadas e para a concepção dos meios a serem utilizados”(*id. ib.* :113)⁷. As ações decorrentes serão, portanto, calculáveis e previsíveis, regidas por projetos contidos e sistemas. A temporalidade uma vez transformada nessas proporções causa alterações que não atingem apenas o campo da concepção e realização de coisas. Como foi observado acima, o *ethos* é um analogado de cultura, pois esta se forma por sedimentação ao longo tempo, criando assim o que chamamos de tradição. Dessa maneira, as modificações decorrentes da inserção da tecnologia no mundo da vida causam uma perturbação que necessariamente se transmite ao conjunto do sistema cultural dissolvendo as coerências sobre as quais este se estabeleceu (LADRIÈRE, 1979). “É nesse sentido que a temporalidade ligada ao projeto, tal como ela funciona de fato na pesquisa científica e nos empreendimentos tecnológicos, contribui para a desestruturação dos sistemas culturais tradicionais” (*id. ib.*: 114), causando assim, ainda segundo Jean Ladrière, um desenraizamento cultural.

As conseqüências para o *ethos* tecnológico dessas novas condições que se desenvolvem e se expandem, serão de alto e profundo impacto, pois se a cultura confere sentido à vida humana, ou seja, orientação e significação, e esse sentido é o que permite a realização plena da existência humana (LADRIÈRE, 1979), a partir de valores transcendentais que se sedimentam na historicidade dos costumes e prática dos hábitos; com a mudança de valores oferecida pela ciência e tecnologia, agora vinculada aos interesses da eficiência econômica, a qual o único sentido é o lucro, deixarão de existir os elementos necessários para a prática da Ética, pois esta igualmente será doravante

⁷ Podemos afirmar que ai se encaixa uma das definições de inovação.

será relativizada em função dos interesses materiais que regem as sociedades contemporâneas, dominadas pelos fundamentos do universo organizacional.

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CUPANI, Alberto. **A tecnologia como problema filosófico: três enfoques**. *Sciencia Studia*, São Paulo, v.2, n.4, p. 493-518, 2004.
- FEENBERG, Andrew. **O que é filosofia da tecnologia**. Disponível em [HTTP://www.rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/oquee.htm](http://www.rohan.sdsu.edu/faculty/feenberg/oquee.htm). Acesso em 28 out.2010.
- GILSON, Etienne. **Deus e a filosofia**. Lisboa: 2002.
- JAPIASSU, Hilton. **Ciência e destino humano**. São Paulo: Imago, 2005.
- LADRIÈRE, Jean. **Os desafios da racionalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.
- LIMA VAZ, Henrique Claudio de. **Escritos de filosofia IV – Introdução à Ética filosófica 1**. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **Escritos de filosofia III – Filosofia e Cultura**. São Paulo: Loyola, 1997.
- _____. **Escritos de filosofia II – Ética e Cultura**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Saudades do carnaval – Introdução à crise da cultura**. Rio de Janeiro: 1972.
- MOLES, Abraham. **Rumos de uma cultura tecnológica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Meditación de la técnica**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1994.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2005.
- WHITEHEAD, Alfred North. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.